

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DA PRÁXIS NA CONSTRUÇÃO ÉTICA DO HOMEM

Flávia Mayara Felix Dantas¹
Tânia Rodrigues Palhano²

RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão acerca das contribuições da filosofia da práxis à formação ética do indivíduo. Como autônomo o sujeito transfere-se para o posicionamento de ser pensante e avaliador. Nessa situação o homem se esquivava da condição de ser passivo, permutando à condição de sujeito racional, capaz de criticar as normas que lhe são impostas. Então, como ser ativo, consciente do sistema que rege o convívio em sociedade, o homem imerge no âmbito ético, ato de refletir e avaliar nossos valores e atitudes morais. Desse modo, surge o questionamento que rege nossa pesquisa e discussão: De que maneira a filosofia da práxis contribui para o processo de formação ética do homem? Como ocorre esse processo? O nosso principal objetivo é discorrer sobre o processo filosófico da práxis em consonância com a formação ética do homem, compreendendo as contribuições dessa filosofia ao sujeito em formação. Como percurso metodológico utilizamos o método bibliográfico, com natureza qualitativa, realizando reflexões em torno das teorias condizentes ao tema em pauta. O nosso respaldo teórico-metodológico formou-se a partir de discussões em Vázquez (1977) Dussel (2012), Saviani (1996-2013), Chauí (2000) e Gramsci (1978). Concluímos nossa pesquisa entendendo que a filosofia da práxis e o movimento dialético propiciam a luta do homem em sociedade em busca de mudanças positivas inerentes a seus anseios e insatisfações. Logo, a síntese emergente desses embates ideológicos, do uso da reflexão em função da ação transformadora favorecem a formação ética do sujeito.

Palavras-chave: Filosofia, Práxis, Formação Ética.

Introdução

A ética se altera no contato entre os homens. Os contrastes do velho com o novo geram a síntese da transformação social. “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.” (KARL MARX, “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, apud, GADOTTI, 2003, p. 6). O início do movimento da transformação ocorre no embate entre as ideologias hegemônicas do cenário real social e as novas ideias emergentes de tal realidade.

Nesse contexto, o ato filosófico é incitado no momento da reflexão. A movimentação do nosso estado racional resulta na atitude reflexiva. A filosofia é uma área de estudo que se aprofunda nos questionamentos que envolvem o ser humano em uma complexidade vital. Na história da educação brasileira, no período do ensino jesuítico e das primeiras universidades, uma nova face filosófica erguia-se para vigorar na perspectiva de desenvolvimento da ciência

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Especializanda em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma perspectiva transdisciplinar pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em Literatura e Ensino pelo IFRN. Licenciada em Letras Língua Portuguesa e Literatura pela UFRN. E-mail: finha_flavinha@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2008). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1985). Possui Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2015). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Fundamentação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Email: taniarpalhano@gmail.com.

moderna. Anteriormente os estudos eram pautados na filosofia e ética de Aristóteles; posteriormente, falava-se da filosofia de maneira racional, o que viria a ser o combustível para a ascensão científica.

Em 1759 houve a reforma dos estudos menores, fato que levou a filosofia a ser abolida e substituída pela retórica como requisito para ingresso na universidade. Porém, Dom Tomaz de Almeida, diretor-geral dos estudos, considerou a filosofia como algo indispensável ao desenvolvimento da ciência e voltou a introduzir aos estudos a filosofia racional e moral.

Partindo desse pressuposto de que a filosofia é propiciadora das mudanças individuais e coletivas do ser humano, justificamos a relevância da nossa pesquisa como produtora de conhecimento no tocante à importância da ação filosófica na vida humana, no caso deste estudo, a filosofia da práxis, elegendo-a como uma das colaboradoras à formação ética do sujeito, tendo em vista que o homem é um ser em constante transformação. Em concomitância às relações na história, o ato filosófico se faz presente nas reflexões que emergem dessas relações.

O nosso principal objetivo é discorrer sobre o processo filosófico da práxis em consonância com a formação ética do homem, compreendendo as contribuições dessa filosofia a esse sujeito em formação. Como percurso metodológico utilizamos o método bibliográfico, com natureza qualitativa, realizando reflexões em torno das teorias condizentes ao tema em pauta. O nosso respaldo teórico-metodológico formou-se a partir de discussões em Vázquez (1977) Dussel (2012), Saviani (1996-2013), Chauí (2000) e Gramsci (1978).

Concluimos nossa pesquisa compreendendo que a filosofia da práxis e o movimento dialético propiciam a luta do homem em sociedade em busca de mudanças positivas inerentes a seus anseios e insatisfações. Logo, a síntese emergente desses embates ideológicos, bem como a reflexão em função da ação transformadora, favorecem a formação ética desse sujeito. Em suma, a ética, que permite refletir os valores e normas de conduta sociais está sujeita à alterações nesses processos interativos incitados pela filosofia da práxis.

Percurso Metodológico

Pelo fato de estarmos trabalhando com a compreensão do processo da formação ética do homem em consonância com a filosofia da práxis, classificamos a nossa pesquisa como qualitativa, tendo em vista que

a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe atribuem. (DENZIN E LINCOLN, 2001, p.3, apud CRESWELL, 2014, p.49).

Além disso, adotamos o método bibliográfico para a exploração das teorias necessárias à nossa compreensão do tema pensado. O nosso desenvolvimento é composto por dois capítulos

teóricos que tratam da evolução ética do homem e a contribuição da filosofia da práxis nessa formação.

A evolução humana nas inter-relações éticas

Jean Piaget, biólogo, psicólogo e filósofo suíço, explica sobre o desenvolvimento moral do indivíduo desde seu nascimento. O homem perpassa as etapas da *anomia*, *heteronomia* e *autonomia* para evoluir enquanto ser educado moralmente para o convívio coletivo em sociedade. (PIAGET, 1999).

A anomia é a fase dos primeiros meses de vida do homem, nesse período não existem regras, os fatos vão ocorrendo de acordo com a necessidade biológica da criança. Contrariamente, na heteronomia, a criança já recebe os ensinamentos concernentes às normas, o homem, nessa fase, inicia o processo de conhecimento de normas de conduta ou convívio; esses ensinamentos são repassados pelos adultos, responsáveis por nossa educação informal. (PIAGET, 1999).

Então, ao alcançar a fase da autonomia, o homem adquire a consciência moral. Como autônomo o sujeito transfere-se para o posicionamento de ser pensante e avaliador. Nessa situação o homem se esquia da condição de ser passivo, permutando à condição de sujeito racional, capaz de criticar as normas que lhe são impostas. Agora como ser ativo, consciente do sistema que rege o convívio em sociedade, o homem imerge no âmbito ético, ato de refletir e avaliar nossos valores e atitudes morais.

O homem nasce em condição animal. “Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir.” (SAVIANI, 2011, p. 7). A obtenção de tais competências é fruto do movimento das interações. As relações proporcionam a sua evolução enquanto homem racional e capaz de transformar o meio e a si mesmo. A moldagem humana ocorre continuamente no momento da interação e, nesse momento, o indivíduo perpassa um processo de alteração de valores e hábitos que caracterizarão a identidade desse homem em construção.

O grupo desses valores e hábitos são considerados princípios morais, os quais são refletidos por uma ação denominada Ética, campo reflexivo de nossa vivência em sociedade. A ética é uma das áreas de estudo da filosofia que nos permite questionar o que é permitido perante o outro; o que nos faz “corretos” em nossas atitudes e quais costumes e ensinamentos nos foram impostos desde o nosso nascimento, os quais suscitam em nós o ato de avaliar e optar por seguir ou não o que foi ensinado.

Assim, ser ético é refletir suas ações dentro de um padrão de boa convivência, inerente a atitudes coerentes que não infrinjam as leis e costumes da comunidade, com atitudes

favoráveis a esses padrões. Porém, o homem como ser racional, capaz de se inquietar face ao que lhe é posto, posicionado como sujeito ativo em meio ao constante movimento proporcionado pelas inter-relações, desvela-se capaz de alterar os valores éticos em prol de atender às suas necessidades.

Nem sempre as condições éticas de convivências atendem às verdadeiras necessidades do homem, principalmente àquele que está no lastro socioeconômico da nação, na infraestrutura social. A ética predominante em uma sociedade desigual comumente impossibilita o bem-estar do homem que compõe a classe desfavorecida economicamente, pelo fato dessa ética estar atrelada às regras de “boa conduta”, a que não fere o padrão social da desigualdade e que não oportuniza o desfavorecido a lutar por direitos que lhe são cabíveis.

Nesse viés, Dussel (2012) discute sobre a ética da libertação. Uma ética que se modifica face à realidade insatisfatória, que situa o homem em condição de vítima. Vítima de uma história propiciadora do declínio do homem marginalizado.

Esta é uma ética da vida, ética crítica a partir das vítimas. São as vítimas quando irrompem na história que criam o novo. O princípio libertação formula explicitamente o momento deontológico³ ou o dever ético-crítico da transformação como possibilidade da reprodução da vida da vítima e como desenvolvimento factível da vida humana em geral. (DUSSEL, 2012, p. 501).

A capacidade crítica e reflexiva que o homem possui permite que ele adapte o meio a si, assim como bem explica Saviani

sabe-se que, diferentemente dos outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la (SAVIANI, 2011, p.286).

Assim, a ação de adaptar a realidade a suas necessidades, transformando-a, provoca no interior do sujeito uma mudança ética que reflete uma atuação divergente a muitos princípios sociais e políticos já cravados nas comunidades. “Trata-se do dever de intervir criativamente no progresso qualitativo da história.” (DUSSEL, 2012, p. 506). Falamos do homem responsável pelas mudanças sociais e políticas, o sujeito que tenta sanar a hierarquia de poderes que lhe desfavorece.

Corroborando a isso, ascendemos o ato filosófico como responsável pelo suscitar dos questionamentos e pela busca das resoluções. Concomitante a essa busca ocorre as inter-relações; a esse cenário está arraigada a evolução humana. Segundo Dussel,

É obrigatório para todo ser humano –embora frequentemente só assumam esta responsabilidade os participantes da comunidade crítica das vítimas- transformar por desconstrução negativa e nova construção positiva as normas, ações, microestruturas, instituições ou sistemas de eticidade, que produzem a negatividade da vítima. (DUSSEL, 2012, p. 517)

³ Deontologia é uma filosofia que faz parte da filosofia moral contemporânea, que significa ciência do dever e da obrigação.

Logo, é possível compreender que o conjunto de princípios morais e ações éticas vigorantes em uma nação, pode ser alterado pela força humana em um movimento de transformação que modifica as normas de vida dos homens e principalmente as identidades. Nessa movimentação, o homem ganha a oportunidade de se aproximar da condição de participante da política social. Assim, põe-se em prática a ética que reflete novos conceitos, atitudes e valores.

O filósofo grego Aristóteles, apesar de se diferenciar de Platão por defender o mundo sensível, as experiências, os resultados provenientes do contato do homem com o meio, escreve a Nicômaco, seu filho, sobre uma ética que dita regras, que elenca normas a serem seguidas para o bem supremo da sociedade, a felicidade. (ARISTÓTELES, 1973). De fato, é possível concordar com Aristóteles quando pensamos na ética que impõe limites às atitudes, quando impedem de o indivíduo romper com as regras de convivência.

Entretanto, a ética que parte do agente consciente, como explica Chauí (2000), não está relacionada apenas ao conhecimento e reflexão de costumes ou do diferencial ao que é incoerente ou não; ela é a base para os questionamentos que permitem uma análise cautelosa da conjuntura real, é um ato subjetivo que leva ao objetivo, que faz emergir as ações modificantes do meio.

Marilena Chauí elenca pontos fundamentais para a construção do sujeito ético

ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de reflexão e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele; ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos (para que estejam em conformidade com a consciência) e de capacidade para deliberar e decidir entre várias alternativas possíveis; ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos e consequências dela sobre si e sobre os outros, assumi-la bem como às suas consequências, respondendo por elas; ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constanjam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para escolher entre vários possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta. O campo ético é, portanto, constituído por dois polos internamente relacionados: o agente ou sujeito moral e os valores morais ou virtudes éticas. (CHAUÍ, 2000, p.434).

Em suma, a eticidade é a consciência moral, e a evolução humana decorre desse ato consciente atrelado às relações sociais. Transformar o meio e a si mesmo está arraigado à condição do sujeito pensante, crítico e avaliador de seu próprio posicionamento social. Pensar eticamente é refletir sobre o comportamento humano. Saviani (2013), em “Aberturas para a história da Educação”, fala do conceito de Ética segundo Vázquez, esclarecendo que a “ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade (1970, p.12). Nessa condição, o objeto da ética são “os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam

outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto” (idem, p.14). (P.202).

A filosofia da práxis como viabilizadora da construção ética

A filosofia é uma atividade, estudo ou atitude que move todas as ciências. O ato de filosofar estar atrelado ao fato de não se sentir satisfeito com o que se apresenta diante de seus olhos e questionar, se inquietar e refletir sobre o que te parece incoerente. Saviani (1996, p.2) explica que “passar do senso comum à consciência filosófica significa passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, intencional, ativa e cultivada.”

A atitude filosófica, explica Saviani, parte de um problema, que instiga a reflexão, formando uma ideologia e esta suscita a ação, o que faz o movimento dialético. Com isso, filosofar é saber identificar o problema e não ser indiferente a ele; é ter atitude, é buscar a resposta para os questionamentos. A consciência filosófica nos torna seres ativos, conscientes da realidade e nos permite tomar posicionamentos diante desta.

Dessa forma, as incessantes mudanças históricas/sociais resultadas nas relações humanas são ocasionadas pela filosofia, grande geradora de reflexões que surgem diante de problemas e contradições. Tratando-se da práxis, aclara-se que é considerada “atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano” (VÁZQUEZ, 1977, p.3). Então, é possível compreender que filosofia da práxis é inerente ao ato de refletir em função da ação transformadora de determinada realidade.

Concernente à filosofia da práxis existe a dialética, processo responsável, também, para que as mudanças ocorram, pois se trata das ações e relações suscitadas pelo ato filosófico. Saviani (1996) elucida como ocorre o movimento da dialética: a ação gera um problema, este suscita a reflexão que forma uma ideologia e esta instiga a ação novamente⁴.

É importante ressaltar que nosso cenário real é fruto das constantes modificações causadas pelo homem; que a história é um construto de ações que ocorreram a partir de uma reflexão, também podendo ser definida como atitude filosófica; que o ser humano sempre esteve em constante mudança desde o seu nascimento e que muitas vezes essas mudanças são feitas intencionalmente ou não. “A comunidade é o sujeito sócio-histórico da ação. Trata-se de perguntar pelo sujeito da práxis de libertação. Cada sujeito ético da vida cotidiana, cada indivíduo concreto em todo o seu agir, já é um sujeito possível da práxis de libertação.” (DUSSEL, 2012, p. 519).

⁴ Paráfrase do esquema da dialética dado por Saviani (1996, p.22) em seu livro Educação: do senso comum à consciência filosófica.

Triviños define um conceito de filosofia “como uma concepção do mundo que explica cientificamente a natureza e a sociedade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 17). Desse modo, o ato filosófico é o grande condutor da compreensão da realidade em que o sujeito está inserido. Sendo o homem o sujeito que movimenta o mundo, as ciências sociais trazem ao cerne dos estudos esse sujeito em suas distintas vertentes e conseqüentemente o resultado construído por esses aspectos humanos que vivem em contradições e movimentações.

Muitos filósofos realizaram estudos aprofundados no âmbito da filosofia social e política. Nicolau Maquiavel, por exemplo, realizou uma análise minuciosa do funcionamento político dos países considerados potências econômicas na Europa, em meados do século XVI. No seu escrito mais valioso e reconhecido mundialmente, considerado como teoria política, *O príncipe*⁵, é desvelada a verdadeira face do sistema político desses países.

Maquiavel, nome que originou o adjetivo *maquiavélico*, pelo fato do filósofo ter sido mal interpretado em sua visão realista, aclara como os governantes conseguem ascensão política mostrando as suas estratégias sem escrúpulos e fora dos limites morais. Nesse viés, a filosofia tem se apresentado como o caminho para uma nova visão da realidade, e é nesse sentido que a ética em transmutação ascende, no momento das análises e reflexões sobre o real. Assim como Maquiavel, outros filósofos se destacaram na arte de analisar e refletir sobre os sistemas sociais. A filosofia da práxis foi pensada e elucidada por um filósofo socialista do século XIX chamado Karl Marx.

Marx expõe uma filosofia que traz ao cerne a compreensão sobre o que é “práxis”, uma ação individual e ao mesmo tempo coletiva, a qual é concernente à análise que Marx faz da estrutura e funcionamento da sociedade capitalista, em seus problemas, estratégias e produções. (MARX, 1986). Nessa tessitura, entende-se que assim como o homem é modificado pelos reflexos que o meio lhe traz, esse sujeito modifica o meio, em um processo concomitante. Então, a práxis resulta a produção humana, o produto que altera o meio e aquele que o fez. Essas produções envolvem todos os aspectos políticos⁶ da sociedade, como o trabalho e o campo científico produtor do conhecimento que rege a nação.

A práxis estar atrelada à prática, ação feita mediante à natureza. O movimento da práxis é a junção entre ação e teoria. A teoria ou reflexão gera uma ação, e esta gera outra reflexão.

⁵ Obra escrita em 1513, porém publicada apenas em 1532. Nesse escrito, Maquiavel se distancia das ideias utópicas de fazer e falar do sistema e ética política, revelando aquilo que de fato ocorre. O filósofo expõe os factuais pensamentos e ações governamentais, aconselhando de maneira realista (por mostrar a maldade humana presente nos governantes) como obter sucesso na gestão de um estado, ressaltando que não importa os meios em que se chegue ao êxito, pois esse é o mais importante.

⁶ Não falamos de “políticos” no sentido de pessoas ou partidos, mas na acepção de organização.

Assim ocorre o movimento da práxis que está atrelado à dialética. Depreende-se, então, que a filosofia da práxis e o movimento dialético propiciam a luta humana em sociedade em busca de mudanças positivas inerentes a seus anseios e insatisfações.

Essas ações são responsáveis pelas construções identitárias, o que leva o homem a um outro estado de humanização, mais elevado. A ascensão humana é decorrência das interações e combates ideológicos suscitados pelo senso crítico. “A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de ‘hegemonias’ políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real” (GRAMSCI, 2011, p. 103).

Logo, a síntese emergente desses embates ideológicos, do uso da reflexão em função da ação transformadora favorecem a formação ética do sujeito, pois “o que torna o ser humano verdadeiramente humano, ou seja, em plenitude, não é o fato de nascer filho de humanos, mas a construção de sua identidade” (GEORGE, LOMBARDI, 2005, p. 61). A identidade de uma pessoa é formada pelos fatos contínuos emergentes do meio que refletem na razão do sujeito, fatos que são ocasionados por esse mesmo sujeito.

Ao falar da ética libertadora, Dussel explica que

A comunidade crítica organizada das vítimas deve ser realista no tocante às suas próprias forças e suas possibilidades de ação. A “filosofia da práxis” de Gramsci situa-se exatamente neste momento, e é toda a questão da passagem da guerra do movimento para a guerra de posições. A comunidade das vítimas dificilmente pode fazer frente ao sistema dominador, mas frequentemente deve dissimular-se, organizando-se, aumentando a consciência. (DUSSEL, 2012, p. 563).

Nessa conjuntura, o princípio da contradição suscita as problemáticas que fazem o homem, em sua capacidade racional, questionar sobre tais problemas ou incoerências. Os questionamentos e ações provenientes das reflexões são responsáveis pelo fazer ético do sujeito. O sistema de eticidade norteadora da vivência do homem pode ser alterado mediante essas evoluções, propiciando um novo homem em novas ideologias.

Resultados e discussões

O homem é um ser de busca incessante. “Se o homem é esse ser de busca permanente, em virtude da consciência que tem de ser incompleticidade, essa busca implica em: um sujeito, um ponto de partida e um objetivo. ” (FREIRE, 1996, p.125.). Esses três elementos formam um todo estratégico, esquemático e procedente da práxis transformadora da ética humana e da realidade ou sistema em vigor. Concluímos nossa pesquisa entendendo que a filosofia da práxis e o movimento dialético propiciam a luta do homem em sociedade em busca de mudanças positivas inerentes a seus anseios e insatisfações. Logo, a síntese emergente desses embates

ideológicos, do uso da reflexão em função da ação transformadora favorecem a formação ética desse sujeito.

Considerações finais

A evolução do homem do estágio heterônomo para a autonomia é o fato fundamental para a emancipação humana. Após perpassar esses processos, o homem auferi liberdade para refletir e agir em atenção a suas necessidades. Só o homem pode transformar a sua própria ética de vida; só o homem se inquieta e transforma a história; “Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética.” (FREIRE, 1996, p.22). Entende-se que romper com a ética significa agir fora dos padrões normativos sociais, infringir as leis de convivência, se esquivar de um determinado modo de vivência social com uma tese que se contrapõe à realidade existente.

Assim como explana Paulo Freire, o homem é um ser inacabado, e nessa condição está sujeito a constantes alterações afetivas, intelectuais, físicas e sociais. A filosofia explica que a liberdade humana é inerente a sua independência, ao seu livre arbítrio para escolhas, é ser autônomo para subjetivamente criar os seus próprios objetivos. Entretanto, alguns filósofos também aclaram que a liberdade nem sempre é permitida ao ser humano, quando há uma força superior que obstrua a ação libertadora. Nesse caso, o bloqueio da ação causa uma determinação do meio ao homem, o que usurpa do sujeito a possibilidade de transformação individual, no qual o sistema ético/moral continua estático.

Todavia, a estaticidade ética não condiz com a condição humana racional e, por conseguinte, com o sujeito da filosofia da práxis. O ser ativo se movimenta em função da mudança; se inquieta com a realidade; questiona sobre seu próprio posicionamento em sociedade; amplia o conhecimento elevando o senso crítico sendo capaz de avaliar a determinação do meio ao homem; interage com os demais, ensinando e aprendendo; imerge no âmbito político para tentar participar positivamente da organização social; cria e revoluciona.

Enfim, o sujeito da filosofia da práxis é autônomo para refletir eticamente sobre suas ações em comunidade e alcançar o prisma da compreensão de sua condição enquanto cidadão, pessoa de direitos e deveres, ao passo que tenta transformar-se em função do seu bem-estar individual e coletivo. Assim como defende Dussel (2012, p.563): “a existência das vítimas mostra a necessidade de fazer novas (transformadas) normas, atos, microestruturas, instituições, sistemas de eticidade por meio dos quais seja possível o desenvolvimento da vida humana.”

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação**: Na idade da globalização e da exclusão. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Brasília: Paz e Terra, 1967. P.123-132.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GEORGEN, P. LOMBARDI, C. L. **Ética e Educação**: reflexões filosóficas e históricas. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Capítulo 2.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Antonio Cauccio-caporale, L&PM Pocket: Porto Alegre, 2011.
- MARX, Karl. **As Lutas de Classes na França**. São Paulo, Global, 1986.
- _____. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- PEREIRA, M. R. CAETANO. L. M. **A construção das regras e o desenvolvimento moral da criança**: o papel do educador. Universidade Estadual do Maringá. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/T6/T6-002.pdf> . Acesso em: 16/03/2019.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação**: Do Senso Comum à Consciência Filosófica. 12 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- _____. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11.ed.rev. — Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- _____. **Aberturas para a história da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.